

ESCRavidÃO

João José Reis

A aula de hoje é uma aula sobre escravidão. Mas nós não podemos falar sobre escravidão num país como o Brasil. O que é escravidão? Se fixou durante tanto tempo, e cobriu tanto o território que se torna impossível dentro do tempo de uma aula cobrir todo esse assunto. Então, eu vou focar especificamente a questão da resistência escrava no Brasil. É claro com algumas passagens sobre aspectos da escravidão importantes para entender a resistência escrava.

Nesta primeira aula quero esclarecer que resistência escrava não era aqueles movimentos fossem individuais ou coletivos de contestação da escravidão. Coisas como a fuga, a formação de quilombos ou a revolta. Havia também o que os historiadores chamam de resistência do dia-a-dia ou resistência do cotidiano. Neste sentido, a gente pôde dizer que resistência escrava era tudo aquilo que o escravo fazia e que prejudicava a escravidão. Muitas vezes o escravo podia fazer inclusive coisas que favorecessem a escravidão mas que era contraditoriamente um desafio a ela. Um exemplo clássico é, no caso do Brasil, o que diferencia o Brasil por exemplo dos Estados Unidos, situações em que escravos possuíam escravos. uma coisa que ao mesmo tempo reforçava a escravidão mas desafiava o verdadeiro sentido da escravidão. Aquele de o escravo ser apenas escravo e não ser ao mesmo tempo escravo e senhor.

Por resistência do cotidiano, nós entendemos essa resistência miúda e os escravos desenvolviam, desafiando o senhor, fingindo doenças, por exemplo, sabotando a produção, chamando o que no Brasil se chama de “corpo mole”, não cumprindo suas tarefas, coisas desta ordem. Podemos também chamar de resistência cotidiana o que chamamos de “fuga pequena”, um tipo de fuga onde o escravo não foge para estar fora do alcance do senhor definitivamente, não foge em busca da liberdade, digamos assim mas foge para negociar melhores termos dentro do sistema da escravidão. É o que nós chamamos de fuga curta. Muitas vezes o escravo não foge sequer nem para negociar, foge para ir a uma festa, foge para passar um fim de semana longe do lugar onde ele mora, recebe certamente o castigo adequado. Na compensação, este castigo compensa, aquela fuga, aquele momento curto de liberdade. As coisas ficam mais sérias quando a fuga se transforma numa fuga permanente. Os escravos fugiam individualmente para

simplesmente não voltarem mais, muitas vezes se deslocando do local, da vila onde moravam para outra região, cidade ou vila, para nunca mais voltarem.

Isto foi muito comum ao longo da primeira metade do século XIX, com o crescimento da população negra livre e liberta. Porque o escravo podia se confundir, se diluir nessa população negra, livre e liberta. Mais perigoso ainda, aí sim para o sistema da escravidão como um todo era aquela fuga individual, que ia se somando com outras fugas para formar o quilombo.

O quilombo era como se denominava no Brasil a constituição de grupos de fugitivos. Esses quilombos, tradicionalmente, foram entendidos como agrupamentos que se isolavam da sociedade escravista como um todo, se localizavam em geral em cima de uma montanha, em lugares da floresta ermos, e, enfim, mantinham uma espécie de sociedade alternativa (mas esta é uma visão tradicional). Houve quilombos que realmente se isolaram. Embrenharam-se dentro de florestas, localizaram-se em cima de montanhas. Palmares por exemplo era um quilombo de difícil acesso, um lugar isolado realmente. Foi o maior quilombo de todas as Américas, com uma comunidade de fugitivos que teria tido uma população de doze mil pessoas. Durou cerca de cem anos, ao longo do século XVII.

Com o avanço do crescimento da economia de “Plantation”, açucareira, Palmares sai do isolamento. Começa a ter relações com a sociedade. Seja no sentido dos palmarinos (os habitantes de Palmares) que saíam para pilhar propriedades mais próximas de onde eles viviam, seja para seqüestrar outros escravos (sobretudo escravos); mas também em termos de relações pacíficas com seus vizinhos, digamos assim, da sociedade livre. Tinham também relações com mercadores que levavam produtos para o quilombo de Palmares para serem trocados por produtos que os quilombolas produziam. Ou seja, nem Palmares, que era tido como modelo mais recorrente de quilombo foi uma comunidade totalmente isolada.

A maioria dos quilombos era menos isolada do que Palmares, mas esses quilombos também eram menores do que Palmares. Hoje em dia a historiografia brasileira demonstra que todas as grandes cidades, como Rio de Janeiro, Recife, Salvador eram cercadas por pequenos quilombos, de vida muito curta, pois estavam próximos da repressão policial; mas estavam sempre ali presentes e mantinham relações com as pessoas da cidade, como taberneiros, mercadores, a quem eles vendiam os seus produtos. Vendiam a sua mão-de-obra para os lavradores, mantendo relações intensas

com a sociedade livre e com a sociedade escrava. Existia uma relação muito forte entre o quilombo e os escravos que continuavam nas senzalas, como eram chamadas as moradias dos escravos no Brasil. Às vezes, o quilombola tinha inclusive relações familiares com os escravos. Esses escravos das senzalas também visitavam constantemente os quilombos, assim como os quilombolas visitavam os escravos das senzalas.

Os quilombos, por outro lado, exatamente por causa desta relação que garantia a sobrevivência de muitos quilombos, não contestavam a sociedade escravocrata, no sentido de quererem destruí-la. Alguns historiadores chegam a dizer que os quilombos tentavam reproduzir na sociedade escravocrata a sociedade africana, que seria uma sociedade onde a escravidão não existisse, exatamente como se fosse uma espécie de sociedade saudosa do passado africano. Essa é uma visão já bastante contestada, pois os quilombolas mudaram muito mais a sua vida do que puderam realmente trazer uma vida africana congelada para o Brasil.

De qualquer maneira, o quilombo não era um movimento contestatório do sistema da escravidão. Embora, claro, muitos quilombos chegassem a viver em guerra com a sociedade escravista como foi o caso durante muito tempo do quilombo de Palmares. Houve um pequeno momento na década de 1670 em que os quilombolas de Palmares tentaram e fizeram de fato um tratado com as autoridades coloniais, mas foi um tratado que deixou de ser cumprido por ambas as partes.

Em geral, o quilombo não era um movimento aberto de contestação. As revoltas escravas sim. As revoltas escravas eram movimentos que podiam ter uma relação de contestação da escravidão. Porque mesmo as revoltas nós podemos dividir em dois modelos. As primeiras eram rebeldias feitas para negociar ou corrigir um aspecto particularmente danoso para a vida dos escravos, ou por exemplo para punir um feitor ou mesmo para assassinar um senhor muito cruel.

Houve na Bahia, no final do século XVIII um movimento de escravos que foi uma mistura de revolta com a formação de quilombos muito interessante. Ocorreu numa região em que havia um engenho onde se produzia sobretudo a famosa farinha de mandioca, que era parte importante da dieta dos escravos. Em Ilhéus, no engenho de Santana, ocorre uma revolta escrava em que os escravos se apropriam de todos os instrumentos do engenho e se adentram na floresta das terras do engenho em que lá eles iriam escrever

um tratado de paz e estabelecer as condições sob as quais eles retornariam ao trabalho. Quer dizer, é uma revolta feita para negociar melhores termos dentro da própria escravidão. Poderíamos ousadamente chamar essas revoltas de “reformistas”, no intuito de reformar a escravidão.

Outras revoltas foram definitivas, pois contestavam a escravidão e buscavam realmente uma sociedade alternativa, embora em nenhum caso nós sabemos realmente o que os rebeldes queriam ou entendiam por uma sociedade alternativa. As revoltas escravas foram particularmente intensas a partir do final do século XVIII. Isto esteve ligado a uma intensificação do escravismo no Brasil, em parte resultado da Revolução Haitiana, que iniciou de 1791 e durou praticamente uma década, que destruiu a sociedade de plantação do engenho de açúcar, da plantação de café para exportação, transformou a região que era uma das mais florescentes e ricas colônias européias no Caribe numa sociedade de camponeses. Enfim, retirou do mercado internacional todos os produtos que eram oferecidos para este mercado, principalmente o açúcar e café. Com isso, o Brasil progrediu, pois o mercado se ampliou para o Brasil, em particular o Nordeste, onde a cana-de-açúcar era mais intensamente produzida. Com isso, intensificou-se o tráfico de escravos.

Sobre o tráfico de escravos, o Brasil foi o país que mais importou escravos nas Américas. Dos cerca de onze milhões de escravos importados, 46% ou mais de cinco milhões de escravos foram trazidos para o Brasil. O segundo lugar cabe aos escravos transportados nos navios ingleses, 28%, um distante segundo lugar. Estes escravos brasileiros vieram de todas as regiões africanas, sobretudo de Angola. Os que vinham de Angola se dividiam em subgrupos, que se chamavam catões, imbembo, quiloa, monjolo. De um modo geral, haviam três grandes grupos, que se chamavam angola, benguela, cabinda e congo. Em geral, diziam respeito ao porto de embarque, mas através destas denominações, no Brasil, os escravos construíam identidades distintas, podendo ser chamadas afro-brasileiras, próprias. Outros escravos vieram do Golfo do Benin, e eu queria chamar a atenção de vocês para a ilustração número 2, que é o mapa da África, e a de número 3 que mostra as rotas dos navios negreiros. Outra grande região foi o Golfo do Benin, que foi uma região que abastecia sobretudo a Bahia, que tinha uma espécie de controle da importação de escravos nos meados do século XVIII. A partir desta época, a escravidão intensifica-se no Brasil.

Em geral, os escravos que vinham desta região falavam iorubá, guibê, os escravos hausai, lupê, etc. Principalmente os escravos de língua guibê, que aqui se chamavam de

geges e os de língua iorubá que se chamavam nagois, e em terceiro lugar os hausai. No século XIX, estes escravos vinham de regiões onde haviam conflitos internos muitíssimo intensos.

Em 1804, foi declarada uma “jihad”, ou guerra santa muçulmana no país haussá, capitaneada pelos fulanis, que perfaziam 20% da população do território haussá. Essa jihad redundou na formação de um poderoso califado chamado de Socotô. A primeira fase desta guerra (de 1804 a 1809), exatamente quando se formou o estado de Socotô, foi uma guerra de reforma islâmica, uma guerra em que os líderes das “jihads” lutavam contra outros muçulmanos considerados menos ortodoxos e redundou na vitimização de muitos milhares de escravos que foram vendidos nos portos do golfo do Benin e vieram para a Bahia.

Outras guerras aconteceram no território iorubá, guerras ligadas ao declínio do Império de Oió. Oió era o reino africano mais poderoso. Fazia fronteira com o território haussá. O movimento da jihad contaminou o norte do território iorubá e atingiu o centro de Oió. Temos assim uma dimensão muçulmana também nos conflitos do território iorubá. Além disso, guerras civis que nada tinham a ver com a expansão islâmica também aconteceram durante a primeira metade do século XIX. Esses conflitos acarretaram milhares de escravos que vieram para a Bahia. Foram exatamente esses escravos que promoveram um número enorme de revoltas na Bahia, tanto na região dos engenhos. Eu chamo a atenção para o mapa do Brasil, onde vocês podem localizar a Bahia e a área do mapa onde se encontra o Recôncavo, onde se produzia o açúcar na Bahia. Nesta área, muitas revoltas ocorreram, mas também na capital bahiana, Salvador e em seus arredores. Muitas dessas revoltas foram feitas por muçulmanos, mas nem todas. A mais importante delas aconteceu em 1835 em Salvador. Foi uma revolta urbana que pretendia levar também o movimento para o recôncavo. A investigação que se seguiu a essa revolta produziu uma documentação muito grande que nos permite ter uma visão bem detalhada deste movimento. Este movimento foi capitaneado, encabeçado por muçulmanos, mas não apenas muçulmanos participaram dele. Estes rebeldes se organizavam em células muçulmanas, em escolas, muitas vezes formadas ao ar livre, para decorar e aprender o Corão, para se exercitar na escrita árabe. Estas células também serviram para organizar o movimento de 1835.

Foram cerca de seiscentos os rebeldes que, na madrugada do dia de 25 de janeiro de 1835 foram às ruas, usando amuletos maleis que eles acreditavam que os protegeriam

contra as balas dos soldados. Tenho exemplos dos amuletos maleis nas ilustrações 37, 38, 39 e 40. Um dos aspectos interessantes deste movimento foi que ele foi ritualizado do Islã. Por exemplo, ele aconteceu no final do mês sagrado do Ramadã. Eu suponho que ele de fato tivesse acontecido num dos festivais que desfecha o Ramadã que é o “lailad-al-kadr” (Noite da Glória). Realmente, um amuleto malei que é a ilustração de número 38, traz a sura corânica, chamada Noite da Glória. E a sura corânica diz o seguinte: *“Revelamos o Corão na Noite da Glória. Quisera soubessem vocês o que é a Noite da Glória. Melhor do que mil meses é a Noite da Glória! Nesta Noite da Glória os anjos e o Espírito têm a licença de Alá para descer com seus decretos. Essa noite é de paz até o romper do dia.”* Este é um belo poema corânico, que fala o momento em que os anjos desceram para revelar o Corão a Maomé, ou Mohamed. Este movimento, como todos os outros foi derrotado, brutalmente reprimido. Não tão brutalmente como se reprimiam as revoltas escravas no Caribe e nos EUA. Durante a luta, morreram cerca de 70 pessoas e durante a repressão que se seguiu a luta, ou seja, durante o inquérito policial que se seguiu, mais de 300 pessoas, entre escravos e libertos foram interrogados (não apenas os escravos participaram). Todos porém eram africanos, nascidos na África. Nenhum dos escravos nascidos no Brasil participou. Por causa desse interrogatório temos uma radiografia da vida dos africanos na Bahia e houve centenas de condenações ao açoite. Houve escravos em que foram condenados a até 1200 chibatadas, ministradas em doses de 50 a cada dia. Ou seja, à tortura. Outros cumpriram pena de prisão. Os libertos, ou seja, os ex-escravos que foram processados, mas foram absolvidos, foram deportados de retorno à África. Quatro foram condenados à pena máxima e fuzilados.

Grande parte deste movimento dos escravos era formado por ideologias africanas ou pelo menos trazidas da África. Não apenas o Islã participou como ideologia deste movimento, há um caso em 1826, também na Bahia de um movimento de um quilombo onde havia um Candomblé, a religião dos orixás iorubanas, ou iorubás. Então o Candomblé também participou das revoltas dos escravos. Também em outros lugares do Brasil há casos em que encontramos a presença forte de religiões africanas, enquanto ideologia, ou pelo menos “tecnologia da revolta”. Se não me engano, da revolta de 1832, em Campinas, uma região de café em São Paulo. Durante o inquérito desta revolta, descobriu-se que os escravos estavam se utilizando de “feitiçarias”, ou seja, de folhas de bebidas que seriam usadas pelos rebeldes, essa revolta nunca aconteceu, ela foi sufocada no momento da conspiração. Essas bebidas seriam usadas para proteger o corpo destes escravos contra os soldados que fossem reprimir o movimento. Quer dizer, tinha uma mesma função que os amuletos muçulmanos. Contudo, os escravos não

ficaram totalmente alheios às ideologias seculares e as ideologias abolicionistas. Só que os escravos nascidos na África foram menos tocados por esse tipo de ideologia. Os escravos nascidos no Brasil foram muito mais influenciados por elas.

Foi muito comum no período da independência, em que muitos escravos “crioulos”, como eram chamados os escravos naquela época no Brasil, eles entenderam esse movimento de libertação nacional como se fosse um sinal de que eventualmente a abolição poderia acontecer. Tanto se manifestaram independentemente como juntos esse movimento de libertação nacional, em diversas regiões do Brasil que não era ainda um país coeso, e também em outros movimentos, como revoltas liberais, revoltas federalistas que ocorreram nos anos de 1820 e 1830. Destes movimentos participaram escravos nascidos no Brasil que se lançavam nesses movimentos com a perspectiva de que, se eles fossem vitoriosos, conseguiriam a sua libertação. Nenhum destes movimentos foi vitorioso, portanto nenhum destes escravos conseguiu a sua liberdade. Há um episódio da Revolução Farroupilha, do Rio Grande do Sul, ocorrido entre 1835 e 1840 em que os escravos que lutaram do lado dos rebeldes teriam recebido a liberdade. Isto estava inclusive no tratado de paz que foi celebrado depois da revolta dos rebeldes. Mas não há nenhuma documentação para provar o que realmente aconteceu com esses escravos. Aí está um enigma da historiografia do negro no Brasil e da resistência escrava em particular.

Outros movimentos de resistência inspirados por ideologias liberais se intensificaram no período abolicionista. Era natural que houvesse muita influência do discurso, da liberdade e do abolicionismo. No entanto, pesquisas recentes têm demonstrado que mais do que uma espécie de adesão a ideologia secular e liberal, houve um sincretismo entre a religião cristã e a africana, uma mistura entre essas idéias e idéias liberais. Houve um artigo importante da Maria Helena Machado sobre São Paulo, que mostra este tipo de ideologia presente nas revoltas escravas que se intensificaram no final da escravidão e que ajudaram a apressar a abolição. O Brasil foi o país que aboliu por último a escravidão nas Américas. Mas a abolição, ao contrário do que a historiografia tradicionalmente vinha dizendo, não foi apenas um negócio de brancos. Primeiro, nem todos os abolicionistas eram brancos. Temos aqui a figura de um grande abolicionista brasileiro, Luís Gama, ex-escravo, fugido, um grande jornalista, poeta. Enfim, há inclusive um poema na ilustração número 50. O retrato de Luis Gama é a ilustração número 49. E outros: José do Patrocínio, André Rebouças, muitos eram os abolicionistas negros.

Contudo, além dos abolicionistas, que eram em geral pessoas livres e relativamente prósperas, digamos, das camadas médias, os próprios escravos participaram dos movimentos de libertação, participaram do movimento abolicionista, se rebelando, fugindo em massa. Nos últimos meses então, o movimento ficou incontrolável. Inclusive foi registrado pictoricamente pelos jornais. Temos aí a ilustração número 48 que mostra exatamente este aspecto, os últimos momentos da escravidão. Ou seja, os escravos participaram da sua libertação praticamente durante todo o período da escravidão. E constituíram uma força importantíssima pois, se eles tivessem ficado de braços cruzados, o Brasil provavelmente entraria em pleno século XX tendo escravatura.

Eu vou parar por aqui por que o meu tempo acabou. Obrigado.